

**PROTÓTIPOS X ESTEREÓTIPOS
NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL:
A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA
EM *A COR DA TERNURA*, DE GENI GUIMARÃES
E EM *E AGORA?* DE ODETE MOTT**

Joildes Santos de Sousa (UESC)

joisousa@hotmail.com

Elane de Jesus Santos (UFRB)

lanemorena22@hotmail.com

Edeilson de Jesus Santos (IF-Baiano)

edeilsonsanthos@hotmail.com

Débora Chaves (UESC)

1. Introdução

A literatura destinada ao público infantil surgiu no Brasil nos fins do século XIX e começo do século XX. Entretanto, os personagens negros só aparecem a partir da década de 30. As histórias dessa época servem apenas para verificar a condição discriminatória em que é colocado o negro. Os personagens negros apresentados nas obras deste período são tidos como pessoas de nível cultural baixo, não sabendo ler nem escrever, apenas repetem o que ouviram de outros igualmente ignorantes. (SOUSA, 2005)

Somente a partir de 1975, é que surge uma literatura infantil comprometida com uma representação mais realista e, às vezes, violenta da vida social brasileira. O resultado é um esforço programado de abordar temas até então considerados tabus e impróprios para menores, por exemplo, o preconceito racial. O propósito de representação realista nem sempre é alcançado. (JOVINO, 2006, p. 187)

Atualmente, o texto infantil busca uma linha de ruptura que resulte numa produção de textos que são autoconscientes, isto é, que explicitam e assumem sua natureza de produto verbal, cultural e ideológico. Toma-se como exemplo a personagem feminina negra. Na primeira fase, década de 30, é invariavelmente representada como a empregada doméstica, retratada com um lenço na cabeça, um avental cobrindo o corpo gordo: a eterna cozinheira e babá. Na segunda fase, a partir de 1975, há uma valorização da personagem negra com atributos e traços brancos.

Considerando o espaço reservado a personagens negros, sobretudo a representação da mulher negra na história literária brasileira, inclusive na literatura infanto-juvenil, busca-se investigar como se encontram representadas as protagonistas negras em *A cor da ternura*, de Geni Guimarães, e na narrativa *E agora?*, de Odete de Barros Mott.

É importante destacar que ambas se distanciam das tradicionais histórias de princesas de protótipos europeus. Assim, partindo de uma pesquisa bibliográfica, o presente artigo se estrutura a partir das seguintes categorias de análise: a literatura infantojuvenil no Brasil e personagens negras na literatura infanto-juvenil brasileira. As análises e reflexões estão fundamentadas em teóricos e pesquisadores como Bhabha (1998), Schwarcz (1993), Abramovich (2006), Proença Filho (2004), Skidmore (1994), dentre outros.

2. Personagens negras na literatura infanto-juvenil brasileira

Pesquisas revelam que as primeiras histórias com personagens negros foram publicadas num momento em que o país havia acabado de por fim à escravidão que maltratou muita gente. Assim, as referidas histórias evidenciavam a condição inferiorizada a qual era submetido o negro, de modo que a cultura, dessa camada da população, seus conhecimentos, sua história não eram tratadas de forma positiva.

O que se percebe, portanto, são negros que não sabem ler nem escrever e em muitas vezes dedicado em contar os causos que aprendera com os mais velhos. Só a partir de 1975 é que o negro passa a aparecer com maior frequência na literatura infantil, que neste momento está mais comprometida com a representação da condição social do nosso país.

Jovino (2006) aponta que embora muitas obras desse período tenham uma preocupação com a denúncia do preconceito e da discriminação racial, muitas delas terminam por apresentar personagens negros de um modo que repete algumas imagens e representações com as quais pretendiam romper.

Por exemplo, na obra *E agora?*, de Odete B. Mott (1983), o conflito racial é instaurado pelo fato de a personagem principal, Camila, ser filha de pai branco e mãe negra. Ela não aceita sua origem negra, negando a família e a si mesma. Nesta obra, ainda, dá-se grande ênfase aos traços físicos da personagem como se vê no seguinte trecho:

[...] olha-se no pequenino espelho pendurado na parede, penteia os longos cabelos lisos. Não se acha bonita, mas gosta da sua cor morena e de seus olhos castanhos esverdeados. Gostaria de ter a pele bem branca, até mesmo sardenta como a do pai, e olhos azuis cor do céu. (MOTT, 1983, p. 09)

Assim, Odete, ao mostrar essa faceta do racismo, acaba tratando a questão como geralmente foi e é vista: a valorização da aparência negra com atributos e traços quase brancos.

O comportamento de Camila aponta para uma questão existencialista, na qual a jovem adolescente, dominada pelo “discurso colonial”, como aponta Bhabha (1998), reforça as conjunturas históricas e discursivas mutantes e ao mesmo tempo embasa suas estratégias de individualização e marginalização.

Neste sentido, Bhabha (1998) fala da necessidade de “reconhecer o estereótipo como um modo ambivalente de conhecimento e poder exige uma reação teórica e política que desafia os modos deterministas ou funcionalistas de conceber a relação entre o discurso e a política”. Ele ainda aponta que esta ambivalência reforça o poder discriminatório.

É importante destacar que na última fase, meados da década de 80, é que se encontram alguns livros que rompem um pouco com as consagradas formas de representação da personagem feminina negra, mostrando sua resistência ao enfrentar os preconceitos, resgatando sua identidade com papéis e funções sociais diferentes, valorizando a mitologia e a religião de matriz africana, rompendo, assim, com o modelo de desqualificação das narrativas oriundas da tradição oral africana e propiciando uma ressignificação à importância da figura da avó e da mãe em suas vidas.

Nessa linha de rompimento e ressignificação é que se pode incluir Geni Guimarães. Destaca-se que esta consegue representar a figura negra, longe de estereótipos e usar os seus valores, afetividade para caracterizá-la, em detrimentos dos aspectos físicos.

Minha mãe sentava-se numa cadeira, tirava o avental e eu ia. Colocava-me entre suas pernas, enfiava as mãos no decote do seu vestido, arrancava dele os seios e mamava em pé. [...]

Eu voltava ao peito, fechava os olhos e mamava feliz. Era o tanto certo do amor que precisava, porque eu nunca podia imaginar um amor além da extensão de seus braços. (GUIMARÃES, 1991, p. 9)

Em *A cor da ternura*, ela narra a história de Geni, uma garota que, quando pequena, se amamentava no peito da mãe e tinha um grande

amor por ela. Esta postura de Geni Guimaraes está em consonância com o que diz Da Matta (1981) *apud* Skidmore (1994): “Não há necessidade de segregar o mestiço, o mulato, o índio e o negro, uma vez que as hierarquias asseguram a superioridade do branco como grupo dominante”.

Tanto na obra “*A cor da ternura*” quanto em “*E agora?*” a combinação dos conflitos étnico-raciais e socioeconômicos que permeiam as narrativas, as personagens femininas negras sofrem discriminação social e racial e as mães negras apresentam uma postura subserviente, pois são apresentadas como mulheres medrosas e passivas.

Conforme os estudos de Schwarcz (1993), o discurso racial surgiu como variante do debate sobre a cidadania, já que no interior desses novos modelos discorria-se mais sobre as determinações do grupo biológico do que sobre o arbítrio do indivíduo entendido como “um resultado, uma reificação dos atributos específicos da sua raça”.

Nesse contexto, pode-se compreender que as *raças* são, na realidade, construções sociais, políticas e culturais produzidas nas relações sociais e de poder ao longo do processo histórico. Não significam, de forma alguma, um dado da natureza. É no contexto da cultura que se aprende a enxergar as *raças*. Isso significa que se passa a ver negros e brancos como diferentes na forma como somos educados e socializados, de maneira que essas diferenças são incorporadas ao nosso discurso conforme nos vemos e vemos ao outro, na nossa subjetividade, nas relações sociais mais amplas.

Não se pode negar a contribuição dos movimentos sociais, sobretudo o movimento negro, através de denúncias e reivindicações, para construção de uma imagem positiva da personagem feminina negra. Observa-se, portanto, na escrita de obras literárias nas quais as personagens principais são negras e suas ilustrações/descrições aparecem mais diversificadas e menos estereotipadas. Nas narrativas aparecem e passam por faixas etárias diferentes.

Em *A cor da ternura*, de Geni Guimarães (1989), por exemplo, a autora narra a trajetória da personagem principal, Geni, desde a infância, passando pela fase da juventude, em que aborda as descobertas e mudanças ocorridas no corpo da personagem até sua passagem para a fase adulta, apresentando suas dificuldades em (re)construir sua identidade como negra.

O ambiente escolar é o espaço em que se evidenciam atitudes discriminatórias. Pode-se fazer a ilustração nos seguintes trechos:

Todas as meninas da sua classe fizeram um raminho de flores de papel colorido e, uma a uma, iam, na frente do salão, entregá-lo à sua mãe. Então, na sua vez viu o espanto e risada de algumas meninas!

– É a sua mãe? Perguntou a filha da diretora, a menina mais rica da escola.

– É sim.

– E como você é branca e ela é tão preta? Engraçado, não?

Desde esse dia, passou a olhar a mãe com outros olhos; achou-a feia, com aqueles lábios grossos e cabelos duros! Feia mesmo! Compreendeu desde então porque a atitude das irmãs mudara tanto. (MOTT, 1983, p. 19)

Só uma menina clara, linda, terna, empacou na porta e se pôs a chorar baixinho. Corri para ver se conseguia colocá-la na sala de aula.

Eu tenho medo de professora preta – disse-me ela, simples e puramente. (GUIMARÃES, 1991, p. 87)

Estas evidências contrariam o que deve ser a função da escola, pois dentre outras missões, a educação é o espaço onde se deve ensinar e aprender a conviver com as diferenças, rejeitando qualquer tipo ou forma de preconceito.

3. Considerações

Os escritos de Geni contrariam o que era dito por Renan (1872/1961) que conforme Schwarcz (1993), afirmava que os grupos negros, amarelos e miscigenados “seriam povos inferiores não por serem incivilizados, mas por serem incivilizáveis, não perfectíveis e não suscetíveis ao progresso”.

Uma prova disso é que em *A cor da ternura*, a personagem principal torna-se professora para provar sua capacidade em alcançar tal posição e ao mesmo tempo realizar a vontade de seu pai. No primeiro dia de trabalho demonstra atitude de maturidade, quando uma de suas alunas brancas se recusa a estudar com uma mulher negra. Ela, diante da discriminação, consegue lidar com a situação e estabelece maior aproximação com essa aluna. Essa representação é desta vez, reforçada também por Andréia Lisboa de Sousa que afirma:

Da década de 80 em diante, alguns autores rompem um pouco com as formas de representação da personagem feminina negra. Esses autores mos-

tram a resistência da personagem negra para além do enfrentamento de preconceitos raciais, sociais e de gênero, uma vez que retomam sua representação associada a papéis e funções sociais diversificadas e de prestígio.

Diante das leituras e discussões das obras e autores que discutem a temática em estudo, nota-se que na obra de Odette há uma hierarquia racial, social e estética, uma vez que Camila possui a pele mais clara, olhos esverdeados e cabelo liso, sendo vista como “mais bela”, realiza trabalhos leves e recebe total incentivo para voltar a estudar; enquanto que a obra de Geni Guimarães é autobiográfica, foca cenas cotidianas de um ambiente rural, encanta pelas passagens que conduzem uma criança negra da inocência infantil ao entendimento juvenil. Seu amadurecimento, experiência, surpresas, suas, enfim, conclusões sobre as pessoas e o mundo ocorrem de maneira delicada, porém constante e contundente. Expõem inequivocamente a discriminação explícita, o preconceito velado, as ilusões da menininha e os sonhos da mocinha. Sonhos simples e que, afinal, se realizam.

Alguns estudiosos, como Edson Borges, Carlos Alberto Medeiros e Jacques d`Adesky (2002 *apud* GOMES, 2005), afirmam que o racismo é um comportamento social que está presente na história da humanidade e que se expressa de variadas formas, em diferentes contextos e sociedades. Segundo eles, o racismo se expressa de duas formas interligadas: a individual e a institucional.

Individual é manifestado por meio de atos discriminatórios cometidos por indivíduos contra outros indivíduos, podendo atingir níveis extremos de violência, como agressões, destruição de bens ou propriedades e assassinatos. Na institucional racismo, ainda segundo os pesquisadores supracitados, implica em práticas discriminatórias sistemáticas fomentadas pelo Estado ou com o seu apoio indireto. Elas se manifestam sob a forma de isolamento dos negros em determinados bairros, escolas e empregos.

Portanto, para tratar da questão racial é preciso estar sensibilizado para o assunto. Evitando dessa forma, explicações do senso comum que, na maioria das vezes, acabam por reforçar preconceitos ao invés de colaborar para sua eliminação, contribuindo para a hierarquização e a naturalização das diferenças, bem como a transformação destas em desigualdades supostamente naturais.

Dessa forma, se há o desejo de lutar contra o racismo, é preciso reeducar a si mesmo, às famílias, às escolas, aos profissionais da educa-

ção, e à sociedade como um todo. Para isso, é necessário estudar, realizar pesquisas e compreender mais sobre a história da África e da cultura afro-brasileira e aprender a nos orgulhar da marcante, significativa e respeitável ancestralidade africana no Brasil, compreendendo como esta se faz presente na vida e na história de negros, índios, brancos e amarelos brasileiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: *Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03* /Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.
- GUIMARÃES, Geni. *A cor da ternura*. São Paulo: FTD, 1991.
- JOVINO, Ione da Silva. Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil. In: _____. (Org.). *Literatura afro-brasileira*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.
- MOTT, Odette de Barros. *E agora?* São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.
- SKIDMORE, Thomas. *O Brasil visto de fora*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- SOUSA, Andréia Lisboa de. *A representação da personagem feminina negra na literatura infanto-juvenil brasileira*. Brasília: MEC, 2005.